

## O recurso pedagógico visual imagético como potencial de Novas adequações metodológicas para surdos

Barbara Coelho Neves<sup>1</sup>

Iraudice M. S. Nunes<sup>2</sup>

Patrícia da Hora<sup>3</sup>

### RESUMO

O estudo que se apresenta neste artigo buscou responder a seguinte questão: Como o recurso pedagógico visual imagético influencia a práxis pedagógica dos professores, com enfoque na educação bilíngue, de educandos surdos do ensino Fundamental I do CAS Wilson Lins. Teve como lócus de pesquisa uma escola da rede pública estadual localizada no bairro de Ondina, na cidade do Salvador estado da Bahia. A investigação foi de cunho qualitativo com base na Pesquisa-Ação e objetivou analisar o lugar que o recurso pedagógico visual imagético ocupa na práxis pedagógica dos professores, com enfoque na educação bilíngue de educandos Surdos do Ensino Fundamental I. O processo investigativo envolveu a reflexão individual, coletiva da prática pedagógica de três educadoras que atuam no Ensino Fundamental I, numa instituição voltada para a Educação de Surdos. A coleta dos dados foi realizada através da utilização dos seguintes recursos: 1. Ficha (formulário de observação), 2- Utilização de filmagens (análise de vídeos) 3 – Entrevista semiestruturada (elaborada pela pesquisadora). Os resultados evidenciaram, entre outros pontos que o fato de que a experiência essencialmente visual da pessoa Surda requer uma reflexão sobre o efeito facilitador do material didático-pedagógico visual imagético utilizado, sua possível adequação e o uso de mídias como ferramenta didática, a fim de garantir-lhes as condições linguísticas para a construção de sua subjetividade, desenvolvimento e inserção social.

**Palavras-chave:** Recurso Pedagógico Visual Imagético. Educação Bilíngue. Surdez.

### 1 Introdução

Nos últimos anos, mudanças importantes e profundas vêm acontecendo constantemente e em ritmo muito acelerado nos diversos campos da sociedade. Estas mudanças não são distintas, são globalizadas e, portanto, afetam o continente latino americano como um todo, tanto nos aspectos políticos quanto nos aspectos sociais e econômicos. Fenômenos como a redemocratização, o processo de crescimento econômico, o aumento da taxa de desemprego e, conseqüentemente, o aumento da população carente, geram um número significativo de crianças, jovens e adultos expostos às situações de risco e de desqualificação

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Professora Adjunto UFBA e do PPGCI-UFS. Pesquisadora líder do Laboratório de Pesquisas em Tecnologias Informacionais e Inclusão Sociodigital (LTI).

<sup>2</sup> Mestre em Educação UNASUL.

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Professora Adjunto UNEB. Pesquisadora do LTI e líder do PROGEI.

peçoal no âmbito educacional. Por isso, enquanto espaço educativo cabe à escola a participação ativa no repensar a nossa sociedade e possibilitar a construção efetiva de recursos de estímulos cognitivos, visando potencializar a produção de maiores e melhores respostas às questões sociais enfrentadas nos espaços educacionais locais e globalizados.

Diante deste contexto, o artigo apresenta a necessidade de se repensar a escola para que acolha as diferenças. A discussão que se propõe conduz a possibilidade de se repensar a importância da utilização do recurso pedagógico imagético para que alunos surdos sejam convidados para o debate, ou seja, tornarem-se sujeitos partícipes das atividades pedagógicas propostas na medida em que o elemento visual, contribua para o reconhecimento daqueles como sujeitos como cidadãos, podendo se apropriar de informações, transformá-las em conhecimento, em saber e assim se empoderarem do lugar de sujeitos pensantes capazes de emitir a sua voz.

As constantes mudanças nos diferentes setores (político, econômico, cultural, social) e o progresso da cibernética e das tecnologias de informação têm sido as marcas da Pós-Modernidade. Uma nova concepção de ensino se contrapondo aos modelos tradicionais de ensino postos. No entanto, o que não se pode desconsiderar é que as mudanças vêm ocorrendo de forma acelerada e massiva, e nem sempre são priorizadas às necessidades de valorização das tradições próprias, assim como a forma de ser e de fazer dos diferentes grupos sociais. Mais uma vez, é a cultura popular que é desvalorizada e desqualificada frente à tão alardeada e imposta, cultura global. A educação constitui direito de todos os cidadãos brasileiros, Surdos ou não, e cabe aos sistemas de ensino viabilizar as condições de comunicação que garantam o acesso ao currículo e à informação.

## **2 Embasamento Teórico**

Ao se discutir os pontos principais observados durante as aulas após assistir as filmagens, percebe-se que, apesar de cursos na área da surdez, a incorporação, pelo docente, de estratégias visuais ainda são muito tímidas na sistematização de seu uso para fins pedagógicos no currículo. Concluídas as apreciações, solicitou-se às professoras que compuseram a amostra deste estudo que assistissem a filmagem, selecionasse os trechos mais relevantes e fizessem comentários a respeito da aula ministrada, fazendo referência ao recurso

didático utilizado. Para realizar possível interrelação entre os dados e preservar a identidade das docentes participantes da pesquisa, atribuiu-se um codinome que tiveram a letra inicial do seguimento. Assim as docentes foram identificadas com nomes que iniciaram com a letra “P”, formando o grupo da seguinte forma: *Pollyanna*, *Pâmela* e *Paula*. A opção por nomes fictícios, em detrimento do uso de códigos (letra e números), deve-se ao fato de acreditar que essa forma de identificação possibilita melhor tratamento aos sujeitos envolvidos, como ilustram os trechos das falas <sup>4</sup> das docentes a seguir:

*[...] - Acho que o material que utilizei foi muito pobre, apesar de ter feito desenhos no quadro, estimulando o visual do aluno, precisaria de um recurso mais apropriado para trabalhar o conteúdo “Higiene Bucal<sup>5</sup>”. O maior problema é que o tempo é curto para planejar e diversificar as atividades e a pouca habilidade com as TIC. (POLLYANNA).*

*[...] - Eu gosto muito de utilizar o desenho, mas, acredito que ficaria muito melhor para o aluno surdo o uso de imagens coloridas e uso das novas tecnologias, fazendo PowerPoint, utilizando o monitor educacional, usando o datashow. Só que para isso a escola não ajuda... Espero que você contribua com a gente. (PÂMELA).*

*[...] – Gostaria muito de usar um material mais rico, tenho consciência que a imagem é importante para o aluno surdo. O problema é a falta de habilidade para lidar com os recursos tecnológicos. (PAULA).*

Nas falas das docentes, percebe-se que elas reconhecem e compreendem que necessitariam de estratégias e metodologias novas para melhorar suas práticas pedagógicas, adequá-las, criar situações de aprendizagens reais no intuito de ampliar as possibilidades do educando Surdo, tendo em vista o reconhecimento da diferença essencialmente visual e assim possam construir novos conhecimentos e a aprendizagem de fato aconteça.

Para validar este pensar Dorziat (2009) disserta sobre a influência positiva do profissional que sabe a partir de que ponto iniciar:

A clareza sobre essas questões em torno da surdez pode influenciar significativamente nos encaminhamentos do trabalho pedagógico do professor. A prática ou como desenvolver as atividades em sala de aula tornar-se-á vazia e inócua, na medida em que não se tiver pontos de partida e pontos de chegada. A concepção de surdez pode ser considerada um ponto de partida relevante para a procura de meios de mudar a realidade, reinventando outros caminhos e proporcionando o registro de outras histórias, com base nas condições presentes (DORZIAT, 2011, p.85).

<sup>4</sup>Estas falas, que não constam no formulário de entrevista, foram obtidas pela pesquisadora em virtude da sua relevância na pesquisa, através de contato verbal com cada uma delas durante a oficina “*sessão reflexiva*” da primeira aula filmada para a edição do DVD .

<sup>5</sup> Ver Figura 1 - Material da aula da professora Pollyanna, dada antes da realização do Workshop.

Lacerda Santos e Caetano (2011) também propugnam a utilização de recursos visuais na prática educacional cotidiana ao afirmarem que:

A escola pode colaborar para a exploração das várias nuances da imagem, signo, significado e semiótica visual na prática educacional cotidiana, oferecendo subsídios para ampliar os “olhares” aos sujeitos Surdos e à sua capacidade de captar e compreender o “saber” e a “abstração” do pensamento imagético (SANTOS; CAETANO, 2011, p. 108).

Considera-se o momento de análise, reflexão e discussão muito enriquecedor, pois, as docentes estavam diante de sua prática pedagógica, podendo sugerir, modificar e adequar materiais que seriam utilizados nas próximas aulas. Constatou-se nas falas das educadoras a necessidade do uso da imagem e do material adequado às especificidades do educando Surdo, como forma de garantir que o conteúdo curricular seja oferecido sem perda de qualidade do ensino-aprendizagem. Corroborando esse contexto, Simões, Zava, Silva e Kelman (2011, p.3609) destacam que “[...] o ensino de alunos surdos apóia-se em duas vertentes, o bilinguismo e o uso de recursos especiais, baseados na experiência visual”. Nessa mesma direção, Campello (2007) reforça tal argumento ao afirmar a importância da imagem:

[...] exploração de várias nuances, ricas e inexploradas, da imagem, signo, significado e semiótica visual na prática educacional cotidiana, procurando oferecer subsídios para melhorar e ampliar o leque dos “olhares” aos sujeitos surdos e sua capacidade de captar e compreender o “saber” e a “abstração” do pensamento imagético dos surdos (p. 130)

Para ilustrar esta forma diferente de estar e perceber o mundo apresenta-se a perspectiva de Strobel (2008, p. 39), uma pesquisadora Surda: Os sujeitos surdos, com a sua ausência de audição e do som, percebem o mundo através dos seus olhos, tudo o que ocorre ao redor dele: “[...] deste os latidos de um cachorro – que é demonstrado por meio dos movimentos de sua boca e da expressão corpóreo-facial bruta – até uma bomba estourando, que é óbvia aos olhos de um sujeito surdo pelas alterações ocorridas no ambiente, como objetos que caem abruptamente e a fumaça que surge”.

### **3 Metodologia**

A trajetória formativa e a atuação profissional numa escola especializada influenciaram inevitavelmente os caminhos desta pesquisa. Percebendo o nível de complexidade em que se estrutura este fazer pedagógico e os reflexos do Surdo na sala de aula, surgiu a seguinte pergunta: Como o recurso pedagógico visual imagético influencia a

práxis pedagógica dos professores, com enfoque na educação bilíngue, de educandos surdos do ensino Fundamental I<sup>6</sup> do CAS Wilson Lins?

Sabe-se que a inadequação dos recursos didáticos agrava o processo educativo do surdo. Essa pesquisa teve como objetivo geral: Analisar o lugar que o recurso pedagógico visual imagético ocupa na práxis pedagógica dos docentes, com enfoque na educação bilíngue de educandos Surdos do Ensino Fundamental I. Os objetivos específicos que essa pesquisa se propôs descortinar: Identificar em que momento as representações visuais, como estratégia de ensino, são utilizadas pelos docentes durante sua práxis, investigar a importância que os docentes não Surdos atribuem ao recurso imagético em sua sala de aula com educando surdo e descrever os posicionamentos reflexivos na prática educativa bilíngue do docente após aplicação de um workshop<sup>7</sup> com recursos imagéticos.

O trabalho foi realizado através de uma Pesquisa-Ação com base na Formação Reflexiva do trabalho pedagógico investigando, produzindo conhecimentos sobre a realidade a ser estudada e realizando concomitantemente um processo educativo para o enfrentamento dessa mesma realidade. Thiollent (2007, p. 16) define a Pesquisa-Ação como sendo:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Após reconhecimento do problema realizou-se filmagem de aulas de três professores do CAS Wilson Lins, uma instituição pública especializada no trabalho com crianças surdas. Aplicou-se questionário com o objetivo de caracterizar este profissional, de colher informações sobre produção e uso do recurso didático adequado e entrevista. É importante salientar que o material analisado nas oficinas foram os videoteipes com a edição das aulas das 03 (três) docentes. Para validar essa técnica de observação, Ibiapina (2008, p. 81) discorre:

A técnica de confrontação da imagem do professor na tela leva-o a examinar o seu desempenho, inclusive percebendo como os seus parceiros vêem a sua prática, bem como, aumenta o seu entendimento sobre o que e porque faz opções por determinadas ações. Nesse sentido, possibilita a concretização de reflexões críticas

---

<sup>6</sup> Nove anos.

<sup>7</sup> O workshop é uma iniciativa do Sistema Integrado de Bibliotecas da UEA, cujo **objetivo** é reunir, divulgar e discutir informações atualizadas no âmbito da pesquisa científica para todas as categorias que constituem o universo científico: graduação, especialização, mestrado e doutorado. A pessoa que vai participar de um workshop, pretende aprender algumas coisas (muitas vezes práticas) sobre o assunto abordado.

sobre as ações desenvolvidas no contexto da sala de aula, relacionando-as com o contexto social.

A fim de traçar o perfil e o percurso profissional do grupo de docentes, sujeitos da pesquisa, na atuação com surdos, utilizou-se mais dois recursos: um formulário contendo questões sobre a formação inicial e continuada das profissionais e o tempo com a Educação de Surdos. Outro recurso foi à entrevista individual para esclarecer a sua inserção na docência com estes sujeitos, abordando a sua prática pedagógica, identificando os caminhos percorridos e as dificuldades encontradas. Na entrevista, foi adotado um formato semiestruturado<sup>8</sup>. Constituíram-se como principais participantes deste estudo o segmento professor. Os sujeitos da pesquisa foram um total de 3 docentes do sexo feminino ouvintes que atuavam em turmas variadas com níveis de ensino diferentes – Ensino Fundamental I (2º, 3º e 4º ano). O processo para a seleção se deu a partir do interesse das docentes em colaborar com o estudo e que atuassem no Ensino Fundamental. Apresentou-se o projeto durante uma reunião de Atividade Complementar (AC) que acontece semanalmente às quartas-feiras.

Com base no referencial teórico, utilizou-se como instrumentos de coleta de dados a **aplicação de um formulário** com o objetivo de caracterizar o profissional envolvido na pesquisa, além de **filmagens de duas aulas de cada docente**, sendo uma antes da realização da oficina **Workshop** e a outra após a oficina e **uma entrevista semiestruturada** a fim de colher informações sobre a produção e uso do recurso didático adequado.

Detalhou-se aos participantes da amostra como seria desenvolvida a pesquisa. Desse modo, foi realizada a filmagem de uma aula sem nenhuma orientação por parte da pesquisadora. Em seguida, realizou-se uma oficina para discussão da filmagem, por meio do desenvolvimento de um Workshop. O terceiro passo foi a filmagem de outra aula, dessa vez após o Workshop e por último uma entrevista semiestruturada. Individualmente organizou-se um cronograma com data e horários das filmagens das aulas, das oficinas e do Workshop tendo o cuidado de não atrapalhar o andamento da classe e nem da Instituição.

#### 4 **Recurso Pedagógico Visual Imagético:** aspectos percebidos em pesquisa com surdos em ambiente escolar

---

<sup>8</sup> De acordo do Minayo (2007 p.64) são entrevistas que combinam perguntas fechadas e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador.

O recurso pedagógico visual imagético, o uso de imagens no seu processo de ensino-aprendizagem justifica-se pela marca constitutiva da diferença surda que é definida pela experiência visual. Não nos comunicamos apenas por meio da fala ou de sinais, mas também por recursos visuais variados (KELMAN, 2011). Assim, as crianças surdas aprendem melhor quando recursos visuais são incluídos nas estratégias pedagógicas utilizadas. O ensino de educandos surdos se apoia em duas vertentes, o bilinguismo e o uso de recursos especiais, baseados na experiência visual. A seguir registro da aula sobre higiene bucal da professora Pollyanna, antes do Workshop.

Figura 1 - Material da aula ministrada pela professora (*Pollyanna*), antes da realização do Workshop



Fonte: Dados da Pesquisa (2017)

Percebe-se nesta imagem que os alunos estão posicionados em semi-círculo. Esta estratégia pedagógica escolhida pela professora nos remete a pensar a sua práxis lastreada pelo teórico Lev Vygotsky ao afirmar que a aprendizagem se constrói a partir de uma relação dialógica entre os sujeitos. A capacidade de crianças com iguais níveis de desenvolvimento mental varia como relata o autor Vygotsky. Essa diferença ele conceitua zona de desenvolvimento proximal (ZDP), a saber:

[...] distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1984, p.97).

Portanto, organizar este espaço sociopedagógico serve de ponte para que a imagem seja compartilhada de maneira horizontalizada reconhecendo assim a diferença indenitária e cultural destes sujeitos surdos. Utilizar caminhos viso-espaciais para contribuir com a

aprendizagem dos alunos surdos é extremamente importante tendo em vista a singularidade destes por serem pessoas visuais. Como pode-se perceber na imagem posta, a professora percorreu vários caminhos para que o seu objetivo do ensino aprendizagem fosse alcançado.

O passo posterior foi a realização do Workshop com a seguinte dinâmica: apresentação do material ao grupo, análise, discussão, confecção e sugestão do recurso adequado à aula de cada docente. Para facilitar a compreensão dos relatos referentes aos procedimentos pedagógicos, apresenta-se a seguir, dentre as ricas produções, o material para a aula ministrada pela docente Pollyanna, a fim de desenvolver o conteúdo “*Higiene Bucal*” contemplando as necessidades e características de aprendizagem essencialmente visual do sujeito Surdo.

O texto imagético referendado nesta fotografia legitima a pluralidade de caminhos pedagógicos, escrita no quadro, desenhos, fichas, explicações individuais, tudo a partir do enfoque visual. Constatou-se, portanto na imagem um recurso preponderante para que a aprendizagem de fato se constitua. Escreve no quadro, desenha, usa fichas e quando necessário, promove explicações individuais a partir do enfoque visual. Por exemplo: fazer desenhos ao lado de cada palavra<sup>9</sup>.

Apesar de pouca habilidade, das docentes com o uso das TIC, foi incorporado atividades participativas no Workshop, numa atitude colaborativa. As interações colaborativas vivenciadas pelo Grupo foram permeadas de atitudes potencializadoras do trabalho colaborativo explicitadas por Almeida e Prado (2003), como abertura, humildade, compartilhamento, respeito, acolhimento ao outro, cumplicidade, compromisso com a equipe e com o trabalho em si e a partir da mediação da pesquisadora. Foram realizadas pesquisas na internet no intuito de produzir materiais imagéticos (fichas, slides de PowerPoint) a serem utilizados nas aulas subseqüentes. Para concluir foi distribuído um *kit* com o material produzido por elas e um manual com instruções. Refletindo o que, para que e como utilizariam o recurso pedagógico.

A partir das reflexões, o grupo pôde perceber que os sujeitos surdos possuem processos distintos de aprendizagem. O texto imagético não deve ser observado somente como um modo de preencher a explicação e a atividade. A imagem deve ser o deflagrador da

---

<sup>9</sup> O grifo é para enfatizar a importância do desenho como recurso pedagógico utilizado para aproximar-se do lugar visual em que os educandos surdos estão situados.

explicação, fazer parte do conteúdo e sugerir ao educando uma reflexão crítica de sua posição atual perante a sociedade em que está inserido.

Figura 2 – Realização do Workshop com a participação das docentes sujeitos da Pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa (2017)

O contato com imagens sensibiliza e educa o olhar. Por isso essa prática no contexto escolar e na educação do surdo deve ser explorada em um diálogo de imagem e leitor sem precedentes oferecendo uma visão integral e simultânea de um tema e ainda possibilitando outras maneiras de compreendê-lo.

A Figura 3 ilustra os slides aplicados durante a atividade sobre higiene bucal. Após exposição foi realizada uma avaliação. Após o Workshop, as docentes iniciaram as aulas explicando previamente aos educandos, sobre como seria a atividade e em seguida apresentaram os Slides “PowerPoint”, de forma expositiva dialogada em Libras e reflexiva, com a participação deles.

Além disso, elas convocaram os alunos a estabelecerem contato visual, fator imprescindível na construção de significados pelos educandos surdos gerando debates, reflexões e discussões sobre o assunto contando com a participação espontânea de todos os educandos da sala de aula.

Os educandos foram paulatinamente acompanhando suas explicações sem grandes dificuldades. Alguns acompanham as explicações e vibravam com seu aprendizado, tentavam criar mecanismos individuais e coletivos que dessem respostas aos desafios que as docentes

**Revista Tecnologias na Educação- Ano 9-Número/Vol.19- Julho 2017- [tecnologiasnaeducacao.pro.br](http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/) / [tededu.pro.br](http://tededu.pro.br)**

iam disponibilizando através de vários questionamentos. Verificou-se que a mediação do conteúdo para os educandos surdos foi realizada por meio da Libras, pelas docentes. Outro aspecto fundamental, nestas aulas, foi o fato de que os recursos visuais foram apresentados em forma de PowerPoint, material imagético, auxiliando a memorização gráfica das mesmas, que apenas terão significado se forem contextualizadas, conseqüentemente, os objetivos das aulas poderão ser atingidos com mais eficácia.

Figura 3 – PowerPoint do material da aula ministrada pela professora (*Pollyanna*) após realização do Workshop



Fonte: Dados da Pesquisa

Observando as filmagens, salienta-se que o uso do recurso didático imagético adequado com ênfase na experiência visual facilitou toda a dinâmica das aulas, foi muito mais fácil explicar o conteúdo, estimulando assim a construção do conhecimento de forma mais lúdica, atendendo a especificidade do sujeito surdo que utiliza o canal visual para interagir com o mundo, sendo assim o acesso aos recursos tecnológicos precisam ser disponibilizado a contento.

Como podemos perceber no discurso da FERNANDES (2005a, p. 33):

É sabido que é prioritariamente pela experiência visual que os surdos constroem conhecimento. Esse canal sensorial é a porta de entrada para o processamento cognitivo e deve ser explorado em todas as suas possibilidades, a fim de que elementos da realidade possam ser representados por símbolos visuais. Sendo assim, as atividades de leitura em segunda língua para aprendizes surdos, principalmente na fase inicial, devem ser contextualizadas em referências visuais que lhes permitam uma compreensão prévia do tema implicado, de modo que esse conhecimento seja

mobilizado no processo de leitura propriamente dita. A leitura de imagens conduzirá o processo de reflexão e de interferências sobre a leitura da palavra

Em consonância com este olhar percebi que os educandos apresentaram um nível de atenção, de participação maior que na aula anterior, demonstrando uma capacidade de compreensão em níveis diferentes, o que me remete a pensar esta apropriação do conhecimento associado às atividades com uso do recurso pedagógico imagético. Dialogando deste mesmo lugar epistemológico sobre a imagem como um caminho mais o próximo para que o surdo se aproprie do saber trago outro autor: Reily (2003, p. 177)

[...] para o surdo, necessariamente, a forma possível de perceber e representar o mundo será por veículos de natureza visual e gestual, já que a significação não será processada por vias que dependam da audição.

Este artigo corrobora com o pensamento da autora Reily (2003) quando ela diz que o processo de ensino do aluno surdo se beneficia do uso das imagens visuais, que facilita a elaboração de conceitos, ajuda no processo de desenvolvimento do pensamento conceitual, pois a imagem perpassa os campos do saber, favorece a transmissão do conhecimento e desenvolve o raciocínio.

Nota-se então, a necessidade de ir além da simples inserção de uma disciplina ou da obrigatoriedade dela nos cursos de formação de professores. É preciso conhecer a identidade linguística e cultural dos surdos. Perlin e Miranda (2011, p. 105) reforçam este argumento:

A formação de surdos seria melhor se os professores realmente entendessem de cultura surda e da facilidade do surdo adquirir conhecimento através dessa cultura, e igualmente se a escola admitisse no currículo os aspectos culturais surdos. A formação inicial dos surdos deve ser em escola específica.

Portanto o exercício da práxis docente com surdos requer dos destes uma aproximação do mundo surdo através do conhecimento de sua cultura. Tendo em vista a complexidade em que estes sujeitos são constituídos. Conhecer sua diferença cultural exige deslocar-se para o encontro do mundo espaço-visual e linguístico.

## 5 Conclusões

O estudo confirmou achados anteriores sobre a importância da utilização da imagem visual aliado ao bilinguismo para a educação do surdo. Selecionando-se imagens e atividades apropriadas à idade e nível de conhecimento foi possível estabelecer interações mais ricas que as habitualmente desenvolvidas. Possibilitou um desenvolvimento cognitivo mais significativo viabilizando um contexto adequado às suas necessidades, oferecendo uma forma

visual de acesso ao conhecimento e uma alternativa para que a comunicação do surdo de fato aconteça na escola.

Considera-se que o presente estudo indica a possibilidade de se pensar em recursos facilitadores da aprendizagem do surdo. A adoção de imagens visuais pode ser um deles, assim como outros recursos devem ser explorados, descobertos e até mesmo criados com o objetivo de possibilitar uma metodologia e um currículo escolar que seja adequado às diferenças do educando Surdo, permitindo sua real inclusão na escola.

Não é pretensão desta pesquisa sucinta apresentar nenhuma forma definitiva de utilizar recursos didáticos adequados na escola, até porque todas as propostas nesse sentido serão muito limitadoras. O objetivo foi analisar o lugar que o recurso pedagógico visual imagético ocupa na práxis pedagógica dos docentes, com enfoque na educação bilíngue de educandos surdos do Ensino Fundamental I do CAS Wilson Lins-Ba.

O que resta então à escola, é procurar criar mecanismos internos para beneficiar o desempenho dos docentes como, por exemplo, a troca de experiências partilhadas de saberes, pois consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada docente é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando, convertendo esses momentos em um programa de formação continuada sistemático.

Diante disso, a adequação do material-didático pedagógico em relação às necessidades específicas da pessoa surda é fundamental no seu processo de aprendizagem, como também proporciona uma fluidez nos diálogos, favorecendo uma interação mais eficaz na sala de aula, tanto entre os sujeitos, como também em relação aos portadores textuais. São inúmeros os recursos didáticos que podem ser utilizados na educação de surdos. O aspecto que faz a diferença é, sem dúvida, a criatividade do docente.

### **Referências Bibliográficas**

BUZAR, E. A. S. **A Singularidade visuo-espacial do sujeito surdo: implicações educacionais.** Dissertação de mestrado. Brasília: Faculdade de Educação da UnB, 2009.

BRASIL. **Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases a Educação Nacional nº 9.394,** 20 de dezembro de 1996. Disponível em:  
[http://www.ufcg.edu.br/prt\\_ufcg/ce2016/Lei%209394.pdf](http://www.ufcg.edu.br/prt_ufcg/ce2016/Lei%209394.pdf). Acesso em: 20 de janeiro de 2016

**Revista Tecnologias na Educação- Ano 9-Número/Vol.19- Julho 2017- [tecnologiasnaeducacao.pro.br](http://tecnologiasnaeducacao.pro.br) / [tecedu.pro.br](http://tecedu.pro.br)**

BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e o artigo 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 10 de janeiro de 2016.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: CORDE, 1994

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil** : texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016.

CAMPELLO, A. R. S. Pedagogia visual: sinal na educação dos surdos. In: QUADROS, R. M. de.; PELIN, G. (orgs). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul. p. 100-131, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 2002. 173 p

HOUAISS, **Minidicionário da língua portuguesa**. 2ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

KELMAN, C. A. Significação e aprendizagem do aluno surdo. In MARTÍNEZ, A. M.; TACCA, M. C. V. R. (Orgs.) **Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência**. Campinas: Unix, 2011

LACERDA, C. B. F. de.; SANTOS, L. F.; CAETANO, J. F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: **Língua brasileira de sinais: libras uma introdução**. São Paulo: UAB-UFSCar, p. 103-118, 2011.

LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

NEVES, B.C. **Tecnologia e mediação**. Curitiba: CRV, 2017.

OLIVEIRA, P. A. de. **Eros e Thanatos: um estudo em representações sociais da formação do professor sobre sua práxis com surdos**. Salvador: Edufba, 2009.

REILY, L. H. As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In.: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. (Orgs.). **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades**. Cap. IX (pp.161-192). São Paulo: Plexus, 2003.

SÁ, N. L. **Educação de surdos**; a caminho do bilinguismo. Rio de Janeiro, Editora da Universidade Federal Fluminense, 1999.

SILVA, M. da P. M. **A construção de sentido na escrita do aluno surdo**. São Paulo: Plexus; 2001.

SIMÕES, E. da S. Menos do mesmo: a pedagogia visual na construção da L2. **Anais...**, VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Londrina, 2011. p. 3608-3616.

SACKS, O. W. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Oliver Sacks; tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SÁNCHEZ, C. **La Educación de los sordos em un modelo bilíngue**. Mérida: Iakonia, 1991.

SKLIAR, C. (Org). **Educação e Exclusão**: abordagem sócio-antropológica em Educação Especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SKLIAR, C. B. Um olhar sobre nosso olhar acerca da surdez e as diferenças. In: SKLIAR, Carlos. B. (Org). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOUZA, R. M. de. **Que palavra que te falta?** O que o surdo e a sua língua(gem) de sinais têm a dizer à lingüística e à Educação. 1996. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Lingüística de Estudos da Linguagem – IEL, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2 ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009.

STROBEL, K. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. 2006. (Dissertação Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed da UFSC, 2008. 118 p.

THOMAS, A. da S. **Comunidades, cultura, identidades e movimento surdo**. Apostila do Curso de LIBRAS I, 2009 VYGOTSKY, L.S. Concrete human psychology. Soviet Psychology, v. 27, n. 2, p. 53-77, 1989

VYGOTSKY, Lev S. **Obras escogidas**. Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

**Recebido em abril 2017**

**Aprovado em junho 2017**